

# O discurso de posse de Xanana Gusmão: uma análise semiótica do discurso<sup>1</sup>

(Xanana Gusmao's inaugural address: a semiotic analysis of discourse)

**Roberta Gonçalves de Sousa Miranda<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

robertag.sousa@yahoo.com.br

**Abstract:** Following the principles of Greimasian Semiotics, this article analyzes the Kay Rala Xanana Gusmao's inaugural address, in Dili delivered on May 20th, 2002, at the ceremony marking the dedication of the country as the "Democratic Republic of Timor-Leste" after the period of Indonesian rule (1974-1999) and the phase of the UN transitional administration (1999-2002). This paper aims to detect characteristics that indicate the intention and commitment of the President of the Republic that time and evidence for the socio-historical period faced by East Timorese people. The analysis developed in this work is based on the semiotic theory proposed by Barros (2007) and Greimas (2008). It also studies the elements of discourse analysis proposed by Fiorin (2008).

**Keywords:** discourse analysis; intentionality; Lusophone context; East Timor.

**Resumo:** À luz dos princípios da semiótica greimasiana, este artigo analisa o discurso de posse de Kay Rala Xanana Gusmão, proferido em Dili, em 20 de maio de 2002, na cerimônia que assinalou a consagração do país como a "República Democrática de Timor-Leste", depois do período de dominação indonésia (1974-1999) e da fase de administração transitória das Nações Unidas (1999-2002). Este trabalho pretende detectar marcas que apontem a intencionalidade e o compromisso do então Presidente da República e elementos reveladores do contexto sócio-histórico vivenciado pelo povo leste-timorense. A análise desenvolvida neste trabalho é baseada na teoria semiótica de Barros (2007) e Greimas (2008) e nos estudos sobre os elementos da análise do discurso de Fiorin (2008).

**Palavras-chave:** Análise do discurso; intencionalidade; contexto lusófono; Timor-Leste.

## Introdução

Com base na teoria greimasiana, este artigo apresentará uma análise semiótica do Discurso de Posse de Xanana Gusmão<sup>2</sup>, eleito Presidente da República de Timor-Leste em 2002.

Em seu livro "Teoria Semiótica do Texto", Barros (2007) define a semiótica como a teoria que busca explicar os diversos sentidos do texto examinando o plano de conteúdo, que é determinado pelo seu percurso gerativo de sentido. Este percurso gerativo é constituído por três níveis, que avalia do mais simples para o mais abstrato: fundamental, narrativo e discursivo. Por tornar a análise mais clara e fácil de realizar, o texto será trabalhado primeiramente em seu nível narrativo, depois pelo discursivo e, por fim, pelo fundamental.

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (II SIMELP), realizado de 06 a 11 de outubro de 2009 e será publicada nos anais do evento.

<sup>2</sup> O discurso de posse de Xanana Gusmão foi publicado no livro *A construção da nação timorense: desafios e oportunidades* e encontra-se anexo ao final deste artigo.

## Estrutura narrativa: Sintaxe e Semântica

Ao ler o discurso de posse de Xanana Gusmão, percebe-se claramente que este está dividido em três partes: primeiramente, dirige-se ao povo timorense (“Caríssimos compatriotas, Povo de Timor-Leste”); num segundo momento, dirige-se aos portugueses e aos representantes dos países de língua portuguesa (“Excelência, o Presidente, Dr. Jorge Sampaio, Sua Excelência, o Presidente, Dr. Joaquim Chissano, Senhores Chefes das Delegações dos Países da CPLP”); e, por fim, ao povo indonésio (“Excelência, Presidente Megawati Soekarnoputri, Povo irmão indonésio”). Por se tratar de focos, contratos e, até mesmo, discursos diferentes, cada momento será analisado separadamente.

Porém, apesar dessas diferenças, há alguns elementos comuns que podem ser tratados primeiramente.

Por se tratar de um discurso de posse — um discurso político — o texto deixa evidente que o sujeito principal e o narrador é o próprio Presidente. Como se pode ver em Greimas (2008), há uma diferença fundamental entre sujeito e narrador:

**Narrador/Narratário:** quando o destinador e o destinatário do discurso estão explicitamente instalados no enunciado (é o caso do “eu” e do “tu”), podem ser chamados, segundo a terminologia de G. Genette, narrado e narratário. Actantes da enunciação enunciada, são eles sujeitos diretamente delegados do enunciado e do enunciatário, e podem encontrar-se em sincretismo com um dos actantes do enunciado (ou da narração), tal como o sujeito do fazer pragmático ou o sujeito cognitivo.

**Sujeito:**<sup>3</sup> [...] 3. No âmbito do enunciado elementar, surge, assim, como um actante cuja natureza depende da função na qual se inscreve. [...]

Pelo acima exposto, percebe-se que nem sempre o narrador se coloca em seu texto como sujeito. De qualquer forma, o Presidente se apresenta como sujeito/narrador. Em cada fase do discurso, o enunciatário/destinatário se modifica, pois, naquela ocasião (cerimônia de posse) havia três tipos de público: os timorenses (compatriotas), os aliados (oriundos dos países de língua portuguesa) e os indonésios (inimigos, atualmente em acordo de paz).

A análise narrativa apresentará o seguinte esquema:

1. Determinação de enunciador/destinador e enunciatário/destinatário
2. Apresentação do(s) Programa(s) Narrativo(s)
3. Apresentação do Percurso Narrativo

Segundo Barros (2007, p. 20-26), “programa narrativo é um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado” e o “percurso narrativo é uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição”.

Segundo Greimas (2008), esquema narrativo é “um modelo ideológico de referência, que estimulará, por muito tempo ainda, qualquer reflexão sobre a narratividade”. Logo, o esquema narrativo sintetizará as ações da narrativa, realizando uma exposição prática e hierárquica, que perpassa pelo programa narrativo, para o percurso narrativo, até chegar ao esquema narrativo em si.

<sup>3</sup> Devido à longa descrição do termo, optou-se por expor a definição mais adequada para este trabalho.

## Primeiro Momento: aos timorenses e compatriotas

### Programa Narrativo

Como se viu anteriormente, o Presidente é o sujeito, o enunciador do discurso. Porém, percebe-se que o Presidente não fala por ele, indivíduo, mas sim como representante do povo, detentor de cargo público. Essa posição muda em alguns momentos, quando ele fala como se fosse o próprio povo, justamente por ter participado da luta junto ao seu povo pela liberdade de seu país.

Nesta primeira parte do discurso, o enunciador determina o povo (compatriotas) como enunciatário e se mostra em conjunção com o destinatário e com o objeto de valor, conforme o exemplo de programa narrativo a seguir:

$$(01) \quad \text{PN} = \text{F} [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$$

Onde:

$S_1$  = sujeito do fazer (Presidente)

$S_2$  = sujeito do estado (povo)

$O_v$  = objeto de valor (construção de um país democrático, forte e justo)

$$\text{PN} = \text{F}_{(\text{liderança, reconstrução do país})} [S_1 (\text{Presidente}) \rightarrow (S_2 (\text{povo}) \cap O_v (\text{país sólido e democrático}))]$$

Considerando o contexto histórico daquele país, é sabido que essa conjunção se deu após um período de disjunção, pois até 1999 o povo era oprimido, proibido de falar a própria língua, cultivar seus hábitos, perdendo a própria identidade. O Presidente se apresentou, no passado, como o sujeito do fazer, que, através de sua liderança e com o apoio de seus compatriotas, operou uma transformação: do estado de opressão para o estado da liberdade.

Dessa forma, percebe-se que o texto possui um Programa Narrativo complexo, o qual apresenta os compatriotas e voluntários como *programa de uso* para que se permita que o *programa de base* (“construir as bases democráticas de desenvolvimento de toda a sociedade timorense”, “[...] combate enérgico e permanente à pobreza...”) possa se realizar.

Do ponto de vista da semiótica, o discurso do Presidente traz como *programa de competência*, o povo, sujeito de estado, que recebe do Presidente, sujeito do fazer, uma promessa (novo contrato) e incentivos para que colaborem para o progresso da nação, para que, desta forma, possa se atingir o *programa da performance*, conforme aparece no trecho em que ele diz: “Depois da independência política, o nosso objectivo supremo será o desenvolvimento integral de todos os aspectos da vida do nosso povo, desde o cultural ao científico, desde o social ao econômico”.

### Percurso Narrativo

O percurso narrativo apresenta o conjunto de programas narrativos seccionando-os em três partes: *ação*, *manipulação* e *sanção*. Essas três partes podem ser expostas em qualquer ordem, porém, nenhuma deixará de existir; constará no texto, nem que seja implicitamente.

Conforme exposto logo abaixo do título do texto, em 20 de maio de 2002, Xanana Gusmão foi aclamado pelo povo, por suas ações, como Presidente do país. Com esta informação, compreendem-se as razões pelas quais o motivaram a iniciar seu discurso utilizando o recurso do *sancionamento*.

Observa-se que o Presidente inicia o Percurso Narrativo se auto-sancionando e sancionando seus destinatários (povo timorense e seus compatriotas), uma vez que ele os saúda e agradece por suas ações anteriores. Nota-se que os cinco primeiros parágrafos são dedicados aos agradecimentos.

Nesse ínterim, foram incluídas nos agradecimentos não-timorenses personalidades internacionais que apresentaram apoio à causa: “[...] o Secretário-Geral da ONU, queremos expressar a nossa mais sincera gratidão pelo cometimento pessoal à causa timorense”; “[...] os esforços e a grande doação do embaixador Jamsheed Marker, Francesc Vandrel e Tamrat Samuel”; “[...] Ian Martin e toda a equipa da UNAMET e queremos manifestar o nosso grande apreço ao amigo Sérgio Vieira de Mello e a todos quantos passaram por Timor, em missão da UNTAET”.

No início do quinto parágrafo, o sancionamento ao povo fica mais evidente ao se referir a sua cerimônia de posse como mini-Assembleia do Milênio, em face da grande vitória obtida após um longo período de luta e do nascimento de seu país. Dessa maneira, fica clara a sua sinalização de dever cumprido, pois o contrato firmado anteriormente — durante as batalhas que travara junto ao seu povo para libertar seu país do domínio indonésio, luta a qual se apresentou como líder e defendeu sua posição e de seu povo até conseguir a tão sonhada independência — fora cumprido (a independência foi declarada em 1999).

A sanção é dada com o objetivo de poder oferecer um novo contrato: “[...] o de servir só e unicamente o nosso Povo” ou conforme dito no oitavo parágrafo: “Depois da independência política, o nosso objectivo supremo será o desenvolvimento integral de todos os aspectos da vida do nosso povo, desde o cultural ao científico, desde o social ao econômico”.

A utilização respeitosa de pronomes de tratamento como *Vossas Excelências* ou *digníssimos dignitários* e de adjetivos que qualificam positivamente os presentes expressa a manipulação através da *sedução*. A manipulação também se dá em outras partes do discurso, sob o aspecto da *tentação*, quando propõe um novo contrato, que em troca dará ao povo sanções positivas dos pontos de vista cultural, social e econômico.

Essa linguagem tentadora e sedutora visa a promover uma nova ação coletiva. Essa é uma característica muito comum em discursos políticos, por meio dos quais os líderes propõem benefícios ao seu eleitorado, que em troca dará apoio e agirá para que o contrato seja cumprido.

## **Segundo Momento: à comunidade de língua portuguesa**

### **Programa Narrativo**

Na segunda parte, o Presidente, o sujeito-enunciador, dirige-se aos portugueses e “irmãos lusófonos”, enunciatários, que ajudaram os timorenses a conquistar a liberdade. Aqui, o autor fala em nome da nação, que se encontra em conjunção com o enunciatário e com as ações realizadas anteriormente. Esse programa narrativo pode ser demonstrado da seguinte forma:

$$(02) \quad \text{PN} = \text{F} [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$$

Onde:

$S_1$  = sujeito do fazer (comunidade da língua portuguesa)

$S_2$  = sujeito do estado (Nação Timor-Leste)

$O_v$  = objeto de valor (apoio político e insumos para independência)

$$\text{PN} = \text{F}_{(\text{liberdade})} [S_{1(\text{CPLP})} \rightarrow (S_{2(\text{Timor-Leste})} \cap O_{v(\text{liberdade})})]$$

No 12º parágrafo, quando o autor agradece aos portugueses e aos representantes dos países de língua portuguesa, na verdade está enfatizando a importância do apoio político e estrutural oferecidos por eles durante a batalha pela liberdade.

O Presidente também fala sobre os questionamentos sobre a identidade da Nação e, novamente, esses povos aparecem como o sujeito do fazer, auxiliando na declaração da independência, fazendo com que o povo timorense tenha uma oportunidade de mostrar sua identidade e seus traços culturais.

Assim, pode-se afirmar que o *programa de competência* é formado pelos timorenses, sujeitos de estado, que recebe da CPLP, sujeito do fazer, os valores modais do saber/conhecer sua identidade e do poder expô-la. É um *programa de uso* que permitiu chegar ao *programa de base*, que representa o programa de performance: a independência alcançada foi o primeiro passo dado para autoafirmação do país.

### **Percurso Narrativo**

Nessa parte, o autor também começa sancionando positivamente seus aliados. A retomada de suas participações na história de Timor-Leste, desde a colonização até os dias atuais, mostra sua *ação* e justifica a *sanção* dada.

Novamente, a sanção é aplicada inicialmente com o objetivo de se firmarem novos contratos. Com um discurso modesto e cortês, o autor utiliza o recurso de *manipulação* por *sedução*, ressaltando as qualidades e as boas ações realizadas pelo sujeito do fazer.

O apelo do trecho “De vós, povos irmãos da CPLP, esperarmos que continuarão ao nosso lado para este processo, difícil mas empolgante, da independência e da afirmação” mostra que o autor assume a posição de sujeito do fazer, seduzindo o sujeito de estado (os representantes da CPLP) a realizar uma ação, a de permanecer ao lado dos timorenses para colaborar com o firmamento e com a evolução da nação.

### **Terceiro Momento: aos indonésios**

Este é o ponto mais crítico e delicado do texto, pois o autor se reportou aos indonésios, povo que num passado recente lutou contra os timorenses e os oprimiu, são responsáveis pelas dificuldades vividas pelo país até hoje. É nessa parte do discurso que o Presidente do Timor-Leste apresenta seu conhecimento e sua habilidade em elaborar discursos amistosos, sutis e efetivos.

## Programa Narrativo

Na terceira parte do discurso, o autor traz o povo timorense e o povo indonésio como sujeitos de estado, enquanto ele e o Presidente da Indonésia atuam como sujeitos do fazer, cujo objeto de valor é a manutenção da paz entre timorenses e indonésios.

$$(03) \quad \text{PN} = \text{F} [S_1 \cap S_2 \rightarrow (S_3 \cap S_4 \cap O_v)]$$

Onde:

$S_1$  = sujeito do fazer (Presidente do Timor-Leste)

$S_2$  = sujeito do fazer (Presidente da Indonésia)

$S_3$  = sujeito do estado (povo timorense)

$S_4$  = sujeito do estado (povo indonésio)

$O_v$  = objeto de valor (paz)

$$\text{PN} = \text{F}_{(\text{paz})} [S_{1(\text{Presid. do Timor-Leste})} \cap S_{1(\text{Presid. da Indonésia})} \rightarrow (S_{2(\text{timorenses})} \cap S_{2(\text{indonésios})} \cap O_{V(\text{liberdade})})]$$

No momento da posse, os dois países já se encontravam em paz havia dois anos e, ao final de seu discurso, o autor utiliza o mesmo programa narrativo para firmar um contrato de manutenção de paz, pois não deseja se encontrar em disjunção com aquele país novamente, conforme explicitou no 19º parágrafo, quando diz:

O povo indonésio e o povo timorense viveram 24 anos de relações difíceis. Hoje, nós todos concordamos que foram resultado de um erro histórico, e isto pertence já à história, pertence já ao passado. E este passado, porque pertence já à história, não deve continuar manchando os nossos espíritos ou dificultando as nossas atitudes e relações. (GUSMÃO, 2004, p. 18)

No trecho acima, o programa narrativo é exposto assim:

$$(04) \quad \text{PN} = \text{F} [S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]$$

Onde:

$S_1$  = sujeito do fazer (indonésios)

$S_2$  = sujeito do estado (timorense)

$O_v$  = objeto de valor (liberdade)

$$\text{PN} = \text{F}_{(\text{opressão})} [S_{1(\text{indonésios})} \rightarrow (S_{2(\text{timorenses})} \cup O_{V(\text{liberdade})})]$$

Ou seja, os indonésios, sujeito do fazer, operaram uma transformação sobre o sujeito do estado, os timorenses, que viviam em paz e, devido à ação externa, entraram em disjunção com o objeto de valor, a liberdade, por privação.

## Percorso Narrativo

Diferente das outras duas partes do discurso, este começa descrevendo uma ação acompanhada de manipulação por sedução. Ele qualifica positivamente a Presidente da Indonésia, como representante não apenas de seu povo, mas como representante do desejo de ambos os povos de manter a paz e a liberdade.

Nos parágrafos 19 e 20, o autor mostra que os timorenses foram sancionados negativamente, pois ele menciona que não apenas foi uma “erro histórico”, mas que vinha “manchando” os espíritos timorenses e dificultando as atitudes e as relações de seu povo.



A utilização de termos como intolerâncias, acusações, desconforto moral e psicológico marcam essa *sanção negativa*.

A contextualização do ambiente de guerra e lutas travadas entre as duas nações está carregada de sedução para que o contrato não seja quebrado. As palavras elogiosas destinadas à qualificação dos dois países demonstram essa ação, conforme se pode identificar no trecho:

[...] E eu acredito, Sra. Presidente, que a Indonésia e Timor-Leste poderão, como já o fizeram neste 2 anos e meio, para provar a todo o mundo que, quando existe boa vontade política por parte de governante e da sociedade em geral, a paz pode ser construída em bases sólidas pelo mundo fora.

Por fim, o autor propõe um contrato mútuo, com o qual os dois países poderão ser sancionados positivamente. Ele procura manipular por sedução e por tentação os indonésios, agora como sujeitos do estado, para que o país Timor-Leste possa se preocupar única e exclusivamente com o crescimento e melhoria das condições de vida de seu povo.

### **Estrutura discursiva: sintaxe e semântica**

A análise do nível discursivo é o patamar mais superficial da análise do discurso. É nessa estrutura que são estudadas a temporalização, espacialização e actorialização, pela sintaxe, e a tematização e a figurativização, pela semântica. Como os textos políticos não são passíveis de figurativização, este trabalho só estudará a tematização, pela semântica discursiva.

### **Actorialização, temporalização e espacialização**

O autor adotou o método de aproximação das personagens<sup>4</sup> ao discursar na 1ª pessoa do singular, quando se refere a ele próprio como indivíduo, ou na 1ª pessoa do plural, quando se refere a ele como representante do povo ou quando ele dá a entender que emprestou sua voz ao povo e fala pelo povo, como pode ser visto a seguir.

(05) É do mais profundo da nossa alma que saudamos com respeito Vossas Excelências e expressamos também a nossa eterna gratidão.

Nesse trecho, utiliza a primeira pessoa do plural, emprestando sua voz ao povo para saudar e expressar sua gratidão.

(06) Eu ousaria chamar a esta magnífica participação de tantos países, vindos dos 4 cantos do mundo, o que honra e engrandece o nascimento do nosso país

Aqui, utiliza a primeira pessoa do singular para apresentar sua percepção particular, mas sem se afastar do leitor/espectador.

A temporalização se dá nos três tempos verbais: presente, passado e futuro. Utilizando a mesma divisão da estrutura narrativa, pode-se dizer que a primeira parte, destinada aos timorenses, apresenta-se um discurso predominantemente enunciativo, ressaltando a sua proximidade com seu povo, ao empregar o presente do indicativo como tempo verbal.

<sup>4</sup> O termo *personagem* será apenas para identificar os sujeitos como actantes.

Já na segunda parte, o narrador inicia o discurso de forma *enunciva*, usando pretérito imperfeito, como em “Quando ‘o sândalo salutífero e cheiroso’, de onde o sol nasce, vê primeiro, atraía os mercadores portugueses...” e pretérito perfeito, em “O ganho ao direito de autor de auto-determinação e independência nacional, em 30 de Agosto de 1999, foi o corolário da luta...” (grifo nosso). O discurso enuncivo afasta o espectador do presente, pois trata de ações passadas.

O autor utiliza o recurso da embreagem para regastar esse público ao mudar para o presente do indicativo e usar esse tempo verbal até o fim da segunda parte.

Para a parte final, o narrador também emprega mais de um tempo verbal. Ele começa embreado, ao usar o presente do indicativo, apresentando um discurso enunciativo, ao passo que, dois parágrafos depois, desembrea ao utilizar o pretérito perfeito para relatar os problemas vividos no passado com o povo indonésio.

Então, para enfatizar sua intenção de paz e união, o autor embrea novamente, voltando a usar o presente do indicativo e finaliza desembreado, levando o espectador a pensar no futuro, ao empregar o futuro do indicativo para expressar seus ideais.

Embora, ao longo do discurso, o autor mude de ator ou de tempo, o espaço é inalterado: sempre Timor-Leste, como território e nação.

### **Tematização e Figurativização**

O tema central do discurso é a consagração da liberdade através da nomeação de um representante político legitimamente timorense e a possibilidade de construir uma nova e sólida nação em clima de paz.

Além da liberdade, atuam no discurso os seguintes temas:

- a) *Reconhecimento da nação pela comunidade internacional*: ao dizer que “os anos 60 que Timor-Leste estava na lista dos territórios não autônomos, no Comitê dos 24, e, desde 1975, que figurava na agenda anual da Assembleia-Geral da ONU”, o autor traz à luz uma luta antiga e uma necessidade que nunca deixou de ser urgente.
- b) *Inserção internacional*: juntamente com o tema anterior, a inserção internacional aparece no texto em diversos momentos. Em geral, quando utiliza os termos “solidariedade”, “estreitamento de relações” e “apoio”.
- c) *Identidade histórica e cultural como identidade nacional*: quando o autor mostra que ele e Timor-Leste têm consciência das dúvidas sobre a identidade do país, porém, apresenta suas convicções e afirma contar com o apoio internacional para afirmação da identidade nacional.
- d) *Desenvolvimento social e econômico*: este tema está presente em todo o texto — implícita ou explicitamente. Trata-se uma realidade, com ou sem apoio internacional, o objetivo da independência é a liberdade e o desenvolvimento. Uma das razões do desejo de liberdade é justamente deixar de ser escravo e fazer uso dos direitos e privilégios oferecidos pelo desenvolvimento mundial das nações.
- e) *Instauração e manutenção da paz*: a presença da Presidente da Indonésia, tanto no discurso quanto no evento da posse em si, evidencia harmonia entre os representantes e o anseio pela paz, tão ausente nos 25 anos de guerrilha.



Apesar de ser um texto puramente temático, há algumas figuras ocasionais que podem ser identificadas. Quando o autor se dirige aos timorenses como compatriotas ou irmãos, está figurativizando esses personagens, da mesma forma quando chama os representantes dos países de língua portuguesa de *irmãos lusófonos* ou os indonésios de *povo irmão*, já que dividem a mesma ilha.

Também há figurativização quando ele inicia o discurso voltado para os irmãos de língua lusitana:

Quando “o sândalo salutífero e cheiroso”, de onde o sol nasce, vê primeiro, atraía os mercadores portugueses que, em uma grande epopéia marítima, iniciaram o processo de encontro de continentes e povos, nunca os nossos ancestrais sonharam que, 500 anos depois, a história registraria um País com o nome de Timor-Leste. (GUSMÃO, 2004, p. 17)

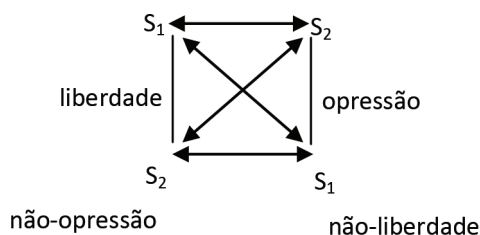
Nota-se que utiliza recursos sensoriais — *olfativos*: salutífero e cheiroso; *visual*: o sol nasce (luz que guia) — que são típicos da figurativização.

### Estrutura Fundamental

Segundo Barros (2007), a estrutura fundamental é o ponto de partida da geração do discurso; é nesse patamar que se explica a existência de significação como estrutura elementar e trata da relação de oposição ou diferença entre dois eixos, dentro do mesmo eixo semântico.

No discurso político estudado, pode-se ver claramente a oposição entre a opressão, ocorrida no passado, e a liberdade, presente na data do discurso. A construção do texto pode ser representada da seguinte forma:

(07) Esquema da Estrutura fundamental



Este esquema também pode ser representado pela seguinte forma:

(08) opressão → não-opressão → liberdade

O autor também expõe outros problemas predominantes no país, como consequência do período de opressão. Quando ele propõe novos contratos é justamente para buscar apoio dos presentes para erguer um país destroçado.

O autor apresenta o anseio de crescimento político e econômico, científico e cultural, o que se opõe à realidade daquela data, uma vez que seu povo teria o desafio de se autoafirmar como nação, construir uma nova identidade (ou apresentar a identidade oculta), reaprender a “nova” língua oficial (aqui deve se considerar os fatores que levaram o povo a deixar

de falar sua própria língua e as implicações sociais e psicológicas de adotá-la novamente como língua oficial).

## Conclusão

A análise semiótica do discurso de posse permitiu vislumbrar o percurso gerativo do sentido do texto, através de suas três etapas essenciais, a saber:

- a) Estrutura fundamental: o texto retrata a oposição entre *opressão*, ocorrida no passado, e *liberdade*, vivida no presente. A relação das categorias semânticas liberdade vs. opressão, representada pelo gráfico esquemático (07), constitui o ponto de partida da geração do discurso.
- b) Estrutura narrativa: é neste nível que a narrativa se organiza do ponto de vista de um sujeito. Primeiramente, foi estabelecida a relação sujeito e narrador, que, no caso desse discurso, são o mesmo. Segundo, a definição do enunciatário; a análise do texto permitiu identificar a divisão do texto em três partes e, para cada uma delas um enunciatário (os timorenses e compatriotas, a comunidade de língua portuguesa e os indonésios). A análise individual das partes apresentou a relação entre sujeito e objetos (junção ou disjunção) e os programas narrativos, bem como os seus programas de base, de competência e de uso.
- c) Estrutura discursiva: considerando a actorialização, a temporalização e espacialização, o autor usa a 1ª pessoa do singular, quando se refere a si próprio, como indivíduo, e a 1ª pessoa do plural, quando fala em nome da nação ou do povo timorense. O autor realiza um jogo de uso presente-passado-futuro, realizando amarrações adequadas e necessárias para dar o sentido de causa e consequência. O espaço do texto é o próprio Timor-Leste. Em relação a tematização, o tema liberdade foi desenvolvido amplamente em oposição à opressão sofrida pelo autor e seu povo. Sob sua base, outros temas também foram tratados (reconhecimento da nação pela comunidade internacional, inserção internacional, identidade histórica e cultural como identidade nacional, desenvolvimento social e econômico e a instauração/manutenção da paz).

A boa utilização da linguagem e das técnicas de aproximação e sedução permite ao autor conquistar seu público e transmitir a sua mensagem: o fim da batalha é o recomeço para a Nação, o apoio internacional ainda é necessário, a manutenção da paz e a prosperidade são desejadas por todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Dicionário de Semiótica*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUSMÃO, Kay Rala Xanana. *A construção da nação timorense: desafios e oportunidades*. Lisboa: Lidel, 2004.

## ANEXO

### A TOMADA DE POSSE

*Dili, Timor-Leste*

*20 de Maio de 2002*

Caríssimos compatriotas,

Povo de Timor-Leste

É do mais profundo da nossa alma que saudamos com respeito Vossas Excelências e expressamos também a nossa eterna gratidão.

Desde os anos 60 que Timor-Leste estava na lista dos territórios não autônomos, no Comitê dos 24, e, desde 1975, que figurava na agenda anual da Assembléia-Geral da ONU. Se hoje se juntam aqui 92 países, foi porque a solução para o problema de Timor-Leste era da responsabilidade da Comunidade Internacional.

A vossa presença, digníssimos dignitários, é, assim o mais eloqüente testemunho dos valores universais, consagrados na Carta das Nações Unidas e, também, uma afirmação inequívoca dos direitos fundamentais do Homem e dos Povos.

A sua Excelência, o Secretário-Geral da ONU, queremos expressar a nossa mais sincera gratidão pelo cometimento pessoal à causa timorense. Não queremos esquecer os esforços e a grande doação do embaixador Jamsheed Marker, Francesc Vandrl e Tamrat Samuel. Hoje, também, saudamos Ian Martin e toda a equipa da UNAMET e queremos manifestar o nosso grande apreço ao amigo Sérgio Vieira de Mello e a todos quantos passaram por Timor, em missão da UNTAET. Estendemos aqui um abraço de muita amizade a todos quantos em Nova Iorque se esforçaram por nos compreender e sobretudo gerir sucesso. Ao Conselho de Segurança, os nossos respeitos e a nossa gratidão.

Eu ousaria chamar a esta magnífica participação de tantos países, vindos dos 4 cantos do mundo, o que honra e engrandece o nascimento do nosso país, como uma mini-Assembléia do Milénio. Aqui não se debatem, tal como aconteceu em Setembro de 2000, os prementes problemas da Humanidade. Aqui sois testemunhas dos anseios pela paz de todo um povo, aqui sois testemunhas da determinação em construir as bases democráticas de desenvolvimento de toda a sociedade timorense e, aqui, sois testemunhas da esperança de um futuro, baseada no combate enérgico e permanente à pobreza, em todas as suas vertentes.

Hoje, assumimos, com humildade e perante a Comunidade Internacional, as nossas obrigações para com o nosso povo. Quisemos ser nós mesmos, quisemos orgulhar-nos sermos nós próprios, um Povo e uma Nação.

Hoje efectivamente somos o que quisemos ser, com a ajuda de todos vós e seria longa a lista de agradecimentos, com uma especial menção à coragem do Presidente Habibe e à decisão do Presidente Clinton.

Hoje somos um Povo, igual a todos os Povos do mundo. Nas celebrações da independência, queremos assumir diante de vós este compromisso: o de servir só e unicamente o nosso Povo. Nas celebrações da independência, queremos conter o regozijo exagerado e as desmesuradas ambições, para assumirmos com consciência a necessidade de aprender para servir, e a vontade de corrigir para melhorar.

A história é feita pelos Povos, unidos num anseio comum — a liberdade em cada ser humano, a paz para o povo e o progresso do país. Depois da independência política, o nosso objectivo supremo será o desenvolvimento integral de todos os aspectos da vida do nosso povo, desde o cultural ao científico, desde o social ao econômico.

A nossa história vai continuar a ser feita pelo nosso povo, pela dignificação do indivíduo, na tolerância entre grupos e no respeito no seio das comunidades, numa participação colectiva e dinâmica da sociedade. Isto irá constituir a nossa nova filosofia, enquanto timorenses.

À solidariedade internacional, vai um profundo abraço de muito carinho do nosso povo. Continuamos a contar convosco, em outras formas de apoio dirigidas a aliviar as dificuldades das nossas populações mais necessitadas, para estreitamento de relações povo-povo.

Sua Excelência, o Presidente, Dr. Jorge Sampaio,

Sua Excelência, o Presidente, Dr. Joaquim Chissano,

Senhores Chefes das Delegações dos Países da CPLP,

Quando “o sândalo salutífero e cheiroso”, de onde o sol nasce, vê primeiro, atraía os mercadores portugueses que, em uma grande epopéia marítima, iniciaram o processo de encontro de continentes e povos, nunca os nossos ancestrais sonharam que, 500 anos depois, a história registraria um País com o nome de Timor-Leste.

O ganho ao direito de autor de auto-determinação e independência nacional, em 30 de Agosto de 1999, foi o corolário da luta de um punhado de povos que tinham entre si laços profundos de uma identidade histórica e cultural. Quero aqui publicamente prestar Timor-Leste e o seu Povo como uma causa nacional. Quero aqui publicamente prestar homenagem aos Órgãos de Soberania Portugueses por terem tornado, pela Constituição, Timor-Leste e o seu Povo como uma causa nacional. Quero também agradecer a cada um dos Países irmãos lusófonos o carinho, o apoio político e a solidariedade que caracterizaram a nossa irmandade e que reforçaram, em tempos difíceis, os nossos vínculos.

Nesta era de globalização, existem tendências de estandardizarmos o pensamento, os comportamentos e atitudes. Em relação a Timor-Leste, existem dúvidas sobre a nossa identidade. Existe a corrente para nos acomodarmos a uma falsa visão do futuro, existe a tendência para nos subvertermos a contrapartidas de facial consumismo intelectual e econômico, onde nos perderíamos como uma gota no oceano.

A independência alcançada é apenas um passo para nos afirmarmos. Mas a afirmação é um processo, também difícil, a partir por não ter vergonha de sermos nós mesmos, com uma identidade histórica e cultural própria, que esteve na base da nossa emancipação e que foi a base do vosso apoio, inequívoco e incondicional.

Neste contexto, uma sentida homenagem a todos os governantes e diplomatas portugueses que souberam interiorizar a causa timorense, com especial relevo ao Presidente Joaquim Chissano, ao Eng. António Guterres, ao Dr. Jaime Gama e ao actual 1º Ministro Durão Barroso, pelo relevante papel que desempenhou, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros.

De vós, povos irmãos da CPLP, esperamos que continuarão ao nosso lado para este processo, difícil mas empolgante, da independência e da afirmação.

Excelência, Presidente Megawati Soekarnoputri,

Povo irmão indonésio,

Acolhemos com especial carinho a vossa presença, Presidente Megawati Soekarnoputri, não só como o Chefe de Estado do País irmão e vizinho, com quem partilhamos as mesmas fronteiras, mas também como um símbolo, que já era, dos anseios democráticos do povo irmão indonésio.

A vitória do povo timorense é expressão também destes anseios, porque a democracia pressupõe liberdade e liberdade faz jus aos direitos fundamentais do Homem e dos Povos.

O povo indonésio e o povo timorense viveram 24 anos de relações difíceis. Hoje, nós todos concordamos que foram resultado de um erro histórico, e isto pertence já à história, pertence já ao passado. E este passado, porque pertence já à história, não deve continuar manchando os nossos espíritos ou dificultando as nossas atitudes e relações.

Ainda em Novembro de 1999, quando os sentimentos de ambos os lados ainda estavam no clímax da intolerância, de acusações e de desconforto moral e psicológico, nós fomos a Jacarta para dizer que o passado deve ser visto como passado e para afirmar, ao mesmo tempo, a nossa total disposição de, juntos, erermos um novo futuro de relações entre os dois países e os dois povos.

E eu acredito, Sra. Presidente, que a Indonésia e Timor-Leste poderão, como já o fizeram neste 2 anos e meio, para provar a todo o mundo que, quando existe boa vontade política por parte de governante e da sociedade em geral, a paz pode ser construída em bases sólidas pelo mundo fora. A Indonésia e Timor-Leste já estão em paz, mas poderão ainda contribuir de uma forma muito significativa para a paz no mundo de hoje, onde todos testemunhamos um ambiente de desconfianças, de medo, de actos de terror e de acusações.

O Povo timorense deseja agora concentrar as suas atenções para o seu próprio desenvolvimento. Somos o país mais pobre da Ásia e queremos elevar, gradual mas firmemente, o nível de vida das nossas populações. A cooperação Indonésia/Timor-Leste, num amplo leque de interesses comuns, reforçada por uma forte relação de amizade entre os dois povos, será antídoto seguro a algumas reacções ainda prevalecente de ambos os lados.

Juntos, senhora Presidente, os dois povos deverão contribuir na construção de um mundo melhor. Por último, quero saudar todos os cidadãos indonésios, indivíduos ou grupos, que muito contribuíram, antes e agora, para todo este processo em Timor-Leste, que culmina agora neste grande evento.

**Fonte:** GUSMÃO, Kay Rala Xanana. *A construção da nação timorense: desafios e oportunidades*. Lisboa: Lidel, 2004. p. 16-19.